

## Dialética e o princípio da coerência

Diego Süss Endler<sup>1</sup>

**RESUMO:** Em termos dialéticos, os três grandes princípios que regem o universo são conhecidos como identidade, diferença e coerência. Adotando-se o modelo hegeliano de dialética, entende-se que o princípio da identidade pode ser associado a tese, o da diferença como antítese e a coerência como síntese. O princípio da coerência estabelece que elementos opostos em sua contariedade imediata percam sua determinação afim de, em uma instância superior, permanecer equilibrado no fluxo dialético diante do mundo. A conquista do absoluto, como queria Hegel, mostra-se incompatível pelas possíveis incongruências que estariam presentes dentro do próprio sistema, sendo impossível a sua conquista. Quanto a isso, o princípio da coerência substituiria a ideia de um *telos* buscado dialeticamente até sua plenitude conceitual máxima, minimizando o risco de verificar unicamente o caos.

### 1. A dialética e o pensamento platônico

Na antiguidade, Platão considerava a dialética o modo através do qual ocorria a evolução gradual do mundo sensível ao mundo das ideias em um processo cuja premissa maior seria a própria evolução da alma. A ideia para Platão seria a expressão máxima da verdade, cuja existência estaria além do homem, fora de si mesmo. O mundo sensível representaria tão somente reflexos do mundo das ideias, o que fica evidenciado pela teoria da reminiscência.

A teoria da reminiscência nos leva a interpretar o pensamento platônico no sentido de que a alma vivia inicialmente no mundo inteligível e por ocasião da ira dos deuses a alma foi fadada a viver no mundo sensível, de tal sorte que este mundo demonstraria ser unicamente às sombras daquele. Mitologicamente, os homens foram castigados, pela sua soberba, ao esquecimento de suas lembranças do mundo das ideias, sendo que todo e qualquer conhecimento advindo da sensibilidade seria tão somente lembranças de algo já conhecido e identificado na imaterialidade da alma que permaneceria indefinidamente.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia PUCRS – Bolsista CAPES

Tal teoria pode ser assim explicada:

Em um sentido genérico, lembrança ou recordação de algo. Em Platão (Ménon, Fédon), doutrina segundo a qual a alma, antes de sua encarnação no corpo, teria tido contato direto com as formas que constituem o mundo inteligível, e delas se recordaria posteriormente quando já encarnada. A recuperação desse contato estaria na base da possibilidade do conhecimento e constituiria seu ponto de partida. Isso explicaria a possibilidade de termos um conhecimento prévio à experiência e independente dela, sendo portanto uma forma de inatismo ou apriorismo<sup>2</sup>.

A base da tese platônica que fundamenta as ideias e a própria construção do conhecimento, mesmo que de forma mítica, evidencia que a dialética busca a consolidação do que seja realmente verdadeiro na estrutura do pensar, uma vez que o filósofo grego pretendia elevar, gradativamente, as concepções sensíveis do mundo para chegar à plenitude máxima da essência que estaria, justamente, no mundo das idéias.

Para Platão, o homem deveria superar os efeitos do mundo sobre suas crenças a fim de oportunizar o alcance de um conceito que estaria além da sensibilidade humana.

Platão acreditava ser a dialética o método mais adequado para se fazer filosofia, de tal sorte que sua utilização proporcionaria conhecer os grandes mistérios e segredos que estariam imersos no mundo e na própria vida.

Cirne-Lima ensina:

Até Aristóteles toda a Filosofia trabalha com o jogo dos opostos. Os diversos pares de opostos são os elementos a partir dos quais se constroem as coisas. Platão, no diálogo *O Sofista*, diz que a Dialética é o próprio método da Filosofia. Quem aprendeu a Dialética e sabe fazer o jogo dos opostos, pensa Platão, sabe compor o grande mosaico do sentido da vida, sabe fazer a explicação do mundo, possui a Grande Síntese<sup>3</sup>.

Para Platão, ainda, a dialética seria o método eficaz no alcance de suas intenções investigativas sobre a plenitude da verdade, como segue:

---

<sup>2</sup> JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 5.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p. 239.

<sup>3</sup> CIRNE-LIMA, Carlos. *Dialética para principiantes*. 3ª. Ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002, p. 53.

Pode-se voltar ao diálogo como o prisioneiro volta para o meio de seus companheiros para conversar com eles. Mas não será mais a mesma conversa de antes. Compreendida nos primeiros diálogos como a arte de perguntar e de responder, a dialética torna-se o método privilegiado para apreender as realidades inteligíveis, não mais a partir do acordo incerto dos interlocutores, mas a partir da conformidade rigorosa das idéias. O eixo vertical da busca substitui bruscamente o eixo horizontal da troca como o prisioneiro da caverna se punha subitamente de pé passando por cima dos corpos estendidos, e o domínio do conhecimento se levanta contra as servidões da opinião. Doravante método racional, a *tekhne dialectikè* põe em movimento a alma inteira, dá-lhe seu ritmo próprio e a coloca no caminho, *methodos*, da verdade. Quando o dialético se desprende das determinações sensíveis e, unicamente com a ajuda da razão, se eleva à essência de cada coisa, e, ainda além, à essência do próprio bem, “então chega ao termo do inteligível como o prisioneiro chegava ao termo do visível”. (*A República*, VII, 532b)<sup>4</sup>.

Seguindo-se a linha analógica do mito da caverna para exemplificação do método dialético, é trazido à tona a contraposição de dois elementos que mostrarão que seu movimento é trilhado em um caminho que possui uma mesma direção, porém com sentidos opostos: a dialética do uno e do múltiplo. Desta, sairá a via dialética descendente e a via dialética ascendente.

Para uma explicação exata do que seja o uno e o múltiplo no sistema platônico, associada às duas vias resultantes de seu movimento, adequadas se mostram as palavras de Cirne-Lima:

Na dialética ascendente o ponto de partida é a multiplicidade variegada de nosso mundo, e o filósofo, a partir daí, constrói seu caminho, mediante posições téticas e antitéticas que são desmascaradas como falsas, e chega à síntese, que se situa num nível mais alto no qual ambos os pólos opostos estão conciliados e unificados. (...) A dialética descendente parte da Unidade, dos dois primeiros princípios<sup>5</sup>, e desce, mais uma vez degrau por degrau, para a multiplicidade, que, quanto mais se desce, maior fica. (...) Subir da multiplicidade de nosso mundo sensível para a unidade do primeiro princípio e, a partir deste, compreender e explicar a variedade existente no mundo, este é o projeto filosófico de Platão<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> MATTÉI, Jean-François. *Platão*. Tradução de Maria Leonor Loureiro. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 54-55

<sup>5</sup> Os dois primeiros princípios extraídos do fragmento de texto citado são entendidos como o da identidade e da diferença. São assim determinados antes da síntese dialética estabelecendo como terceiro princípio universal o princípio da coerência.

<sup>6</sup> CIRNE-LIMA, Carlos. A herança de Platão. In: CIRNE-LIMA, Carlos; HELFER, Inácio; ROHDEN, Luiz (Org.). *Dialética, caos e complexidade*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004, p. 61-83.

Conforme a explicação acima sugere, a dialética ascendente, portanto, partindo da multiplicidade do mundo em sua percepção sensível, busca encontrar uma unidade primeira para fins de explicar essa variedade existente no mundo, constituindo-se a mesma na proposta filosófica de Platão.

Cirne-Lima em termos práticos faz a explicação da dialética em sua ascendência, como segue:

No começo da dialética ascendente temos como ponto de partida as certezas do dia-a-dia e das ciências particulares, ou, como dizia Hegel, a certeza sensível. O eu individual se descobre, dentro de si, como um eu universal. Esse eu universal está presente na vida cotidiana de cada um de nós como o senso comum e a vontade comum da comunidade em que vivemos, como o eu cientificamente universal da comunidade científica. O eu individual se alarga, se amplia e transforma-se no eu universal, que inclui todos os outros “eus” pensantes. Mas, nós queremos e precisamos mais do que isso. O eu precisa crescer e ampliar-se mais de sorte a conter as coisas da natureza, sem, o que nenhum eu pode ser o que de fato é. Esse eu ampliado contém toda a natureza e é tão abrangente que inclui todo o universo. Eu, eu mesmo, ou melhor, o eu ampliado que eu sou contém e inclui o universo inteiro<sup>7</sup>.

Em uma associação direta entre a ciência e a filosofia, pelo caminho ascendente da dialética, o mesmo filósofo ainda ensina:

No caminho ascendente, o cientista parte da multiplicidade dos fenômenos e das coisas, para chegar à unidade de uma teoria; exatamente isso é teoria (*theorein* significa, em grego, olhar bem). Se subimos mais e mais a escala piramidal das teorias, estas ficam cada vez mais universais e abstratas, e chegamos finalmente ao ápice: aos primeiros princípios da Filosofia. A Filosofia é a teoria que vê tudo a partir da unidade dos primeiros princípios. Ela é a ciência que unifica todas as ciências. (...) O caminho que sobe parte da multiplicidade desordenada das coisas e procura encontrar nelas, um princípio de ordem. Esse princípio de ordem, embora seja único, explica as muitas coisas, e aquilo que parecia ser uma pluralidade caótica e desordenada aparece como uma multiplicidade ordenada, ou melhor, como a ordem dos múltiplos elementos que a constituem. (...) Esse caminho para cima parte da multiplicidade e vai para a unidade, parte do singular e vai para o universal<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> CIRNE-LIMA, Carlos. *A coruja de minerva e o galo da madrugada*. Porto Alegre: Zero Hora [16/12/2000]. Disponível em: <http://atualaula.vilabol.uol.com.br/corujagalo.htm>. Acesso em: 18 maio 2011.

<sup>8</sup> CIRNE-LIMA, Carlos. *Depois de Hegel: uma reconstrução crítica do sistema neoplatônico*. Caxias do Sul: Educs, 2006, p. 13.

De acordo, ainda, com Cirne-Lima, “O caminho que sobe é só a primeira metade da ciência; há que se percorrer também o caminho que desce”<sup>9</sup>.

Esse caminho que desce, por sua vez, configura a dialética descendente e pode ser conceituada da seguinte forma:

(...) consiste na reconstrução, passo por passo, do mundo concreto a partir dos três primeiros princípios. A ciência particular, depois de proposta como teoria, volta aos fenômenos, explicando-os em sua estrutura racional, explicando como as partes estão construídas, como elas interagem e se inserem no todo. A ciência universalíssima, a Filosofia, faz exatamente o mesmo. A partir dos três primeiros princípios, que constituem uma teoria geral do Universo, ela mostra como a Lógica engendra a Natureza e a Natureza, num longo processo de evolução, engendra o Espírito. Assim, todas as coisas no Universo se originam, num processo evolutivo, de um ovo inicial. Todas as coisas têm sentido e fazem sentido se e enquanto elas estão em coerência consigo mesmas e com as outras coisas, se elas estão em coerência com todo o Universo. Na dialética ascendente começamos do mundo concreto e avançamos subindo, degrau por degrau, para uma visão de conjunto, para os três primeiros princípios. Na dialética descendente começamos com os três primeiros princípios e mostramos, dobra por dobra, como o Universo se des-dobra, se des-envolve até chegar ao mundo em que vivemos com sua multiplicidade variegada de seres, coisas e entidades. Para compreender o sentido do mundo precisamos primeiro subir para depois descer. A dialética ascendente amplia nosso eu até que ele fica tão amplo que se identifica com o Universo. Na dialética descendente reconstruímos o mundo, explicamos o mundo, mostrando, dobra por dobra, como tudo, pela evolução, se desenvolveu<sup>10</sup>.

Os três primeiros princípios citados no fragmento acima são identificados como o da identidade, diferença e coerência e o significado de cada um deles é explicado por Cirne-Lima nos seguintes moldes:

O princípio da Identidade garante a interação, a reprodução. O princípio da Diferença explica a emergência do novo, inclusive as mutações por acaso. O princípio da coerência

---

<sup>9</sup> CIRNE-LIMA, Carlos. *Depois de Hegel: uma reconstrução crítica do sistema neoplatônico*. Caxias do Sul: Educs, 2006, p. 13.

<sup>10</sup> CIRNE-LIMA, Carlos. *A coruja de minerva e o galo da madrugada*. Porto Alegre: Zero Hora [16/12/2000]. Disponível em: <http://atualaula.vilabol.uol.com.br/corujagalo.htm>. Acesso em: 18 maio 2011.

elimina opostos que são duramente incoerentes e suaviza e supera pequenas incoerências através da introdução de novos aspectos lógicos, novas dobras, novas facetas ontológicas<sup>11</sup>.

Em consonância com ambos os caminhos percorridos pelo movimento dialético (ascendente e descendente) evidencia-se que dialética do Uno e do Múltiplo representa a variação máxima de dois elementos extremos através das mais variadas formas de possibilidades.

Apesar da oposição contundente que caracteriza a delimitação de cada elemento, o método dialético aplicado colaboraria para o encontro de um elemento comum entre ambos que seria capaz de evidenciar a natureza do mundo.

Tal explicação é extraída das palavras de Eduardo Luft, ficando melhor demonstrado e explicado como segue:

Procure ter em mente a imagem do pêndulo. Deixe-se envolver por ela, permita que ela invada sua imaginação. O pêndulo oscila entre dois extremos: de um lado o máximo predomínio da unidade sobre a multiplicidade (o Ser-Uno de Parmênides); de outro o predomínio máximo da multiplicidade sobre a unidade (o Aparecer de Pirro); entre eles um vasto campo de possibilidades, e o movimento incessante do pêndulo, rasgando o ar entre os dois extremos opostos. Agora concentre sua atenção não propriamente nesses opostos, mas na natureza comum que os integra. Atente para o eixo, para aquilo que permanece invariante sob todas as variações do mundo, a dialética do Uno e do Múltiplo que pervade tudo o que há, e se manifesta mesmo no supostamente puro Aparecer. Eis a natureza do mundo<sup>12</sup>.

A busca da coerência, portanto, sustentar-se-á pela dialética do uno de do múltiplo que buscará sintetizar um elemento comum entre ambos.

## 2. A dialética hegeliana

---

<sup>11</sup> CIRNE-LIMA, Carlos. *A coruja de minerva e o galo da madrugada*. Porto Alegre: Zero Hora [16/12/2000]. Disponível em: <http://atualaula.vilabol.uol.com.br/corujagalo.htm>. Acesso em: 18 maio 2011.

<sup>12</sup> LUFT, Eduardo. *Sobre a coerência do mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 63-64.

De imediato entende-se que a dialética hegeliana, ao contrário do “projeto filosófico de Platão”, desenvolve-se pela via descendente, ou seja, partir dos primeiros princípios até a multiplicidade do mundo. “Toda a obra de Hegel é uma gigantesca tentativa de fazer o caminho para baixo, a *katábis*, de maneira completa e rigorosa”<sup>13</sup>.

Na modernidade, Hegel utilizou-se desse movimento a fim de superar contradições entre dois eventos contraditórios guardando-os em uma estrutura totalizante, entendendo que a parcialidade seria totalmente insuficiente na constituição do racional e do movimento do mundo.

A dialética hegeliana permite, portanto, iniciar a construção de um determinado argumento pela sua direta contraposição, sendo que o resultado imediato seria uma síntese em nível superior, guardando elementos oriundos dessa estrutura contrária precedente.

A dialética de acordo com o pensamento de Hegel pode ser assim entendida conforme acentua Paulo Meneses:

(...) seu método e seu sistema são “dialéticos”, e assim, a cada passo, as contradições vêm corroer por dentro as afirmações obtidas e as elevam a um novo patamar de realidade e compreensão, em que são “suprassumidas” ou seja, ao mesmo tempo ‘negadas’ na sua figura original e ‘conservadas’ na sua essência profunda, num nível superior<sup>14</sup>.

Cabe ressaltar que esse é um processo que permite a construção de novas ideias justamente pela possibilidade de articulação argumentativa que se dá ao longo da história pela via da racionalidade humana. Assim, entende-se que ideias opostas apenas conseguem ser determinadas em consonância com a própria sistematicidade dialética da qual fazem parte.

Importante ressaltar que o dualismo existente entre a oposição de elementos em vias de exclusão podem ser resgatados em uma unidade superior como síntese. Um exemplo clássico está associado à contrariedade entre o ser e o nada enquanto tese e antítese respectivamente, sendo que a síntese dialética entre esses pólos opostos seria o devir, ou seja, o vir a ser alguma coisa.

Inferese, dessa maneira, como característica própria do movimento dialético que, na síntese, ficam guardados certos elementos enquanto outros são superados.

---

<sup>13</sup> CIRNE-LIMA, Carlos. *Depois de Hegel: uma reconstrução crítica do sistema neoplatônico*. Caxias do Sul: Educs, 2006, p. 13.

<sup>14</sup> MENESES, Paulo. *Abordagens hegelianas*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2006, p. 20.

A expressão de uma possível verdade se daria tão somente na síntese, sendo que a própria tese e antítese a ela precedentes seriam incompletas na expressão de suas unilateralidades. Hegel construiu seu sistema filosófico utilizando-se da dialética para superar contradições ao longo do processo histórico com o objetivo principal de alcançar o saber absoluto.

Em sua Filosofia do Direito, por exemplo, Hegel faz a divisão de sua obra, igualmente, nos moldes dessa estrutura lógica. O direito abstrato, enquanto tese, apresentaria características próprias, de ser heterônomo, coativo externamente e eficaz. Por sua vez a moralidade enquanto antítese seria autônoma, coativa internamente e ineficaz. A síntese dialética entre as duas representaria justamente a eticidade como um momento em que supera e conserva os dois momentos anteriores. Assim sendo, a eticidade apresentaria a característica de ser heterônoma e autônoma, coativa externa e internamente bem como eficaz. Os dois momentos representados pela tese e antítese são vistos, portanto, como uma visão unilateral do mundo ético.

A proposta hegeliana visa o progresso ao absoluto, o que pode ser chamado, também, de acordo com uma terminologia adotada por Eduardo Luft, de teleologia do incondicionado, onde existe a ideia de um fim a ser buscado dialeticamente.

O mesmo assim explica:

Devo enfatizar que a dificuldade não reside no caráter teleológico-circular do Conceito, mas no tipo de teleologia defendido por Hegel, que tenho denominado teleologia do incondicionado, ou seja, na tese hegeliana de que o processo de autodeterminação do Conceito direciona-se para a plenificação do lógico. Este tipo específico de teleologia está na origem dos conhecidos impasses do pensamento hegeliano<sup>15</sup>.

Como o processo dialético serve-se de elementos contrapostos e que motivam consequentes sínteses, o alcance do absoluto impossibilitaria esse desenvolvimento processual, pois toda e qualquer incoerência já estaria plenamente superada. Nesse viés, a título de exemplo, é que compreende-se que na própria reinterpretação da Filosofia do Direito proposta por Axel Honneth, a teleologia do incondicionado deveria ser abandonada perpetuando tão somente o princípio da coerência como única forma de determinação.

---

<sup>15</sup> LUFT, Eduardo. Considerações dialéticas sobre o sistema do dever-ser. In: Adriano Naves de Brito (Org.). *Cirne: sistema e objeções*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2009, p. 73-86.

### 3. A coerência

Uma vez que permanece determinado apenas o “coerente”, a deflação ontológica seria motivada justamente pela redução da teoria dos primeiros princípios. O próprio princípio da coerência resultaria em uma síntese dialética entre o princípio da identidade enquanto tese e o princípio da diferença enquanto antítese.

A dialética do uno e do múltiplo vai demonstrar o princípio da coerência de tal forma que não ocorrerá propriamente o predomínio de um sobre o outro. A forma de se presumir a coerência seria enxergar a manifestação do uno e do múltiplo em uma espécie de movimento circular capaz de evidenciar cada qual em um determinado momento.

Salienta-se que a circularidade é o que autodetermina a relação existente entre os elementos díspares que compõem o sistema, pois se assim não fosse existiria uma perda ao infinito com grande risco de se cair em uma indeterminação insolúvel.

Para manter a coerência é necessário que os elementos opostos percam a determinação em si mesmos a fim de buscarem, dialeticamente, uma totalidade abrangente nas instâncias superiores desse movimento. A totalidade do mundo não pode perder a coerência em si mesma, mesmo que sistemas menores contidos nessa mesma totalidade sejam incoerentes.

A explicação disso é assim exposta:

Toda incoerência generalizada em um subsistema do mundo implica o colapso dessa subtotalidade, e a preservação do movimento para a coerência em um sistema mais abrangente. Por sua vez o mundo em sua totalidade não pode jamais deixar de ser coerente consigo mesmo. Embora permitindo contrafatos, a razão rege o mundo fornecendo uma direcionalidade geral ao fim da coerência consigo mesmo<sup>16</sup>.

Sendo assim, a coerência permite um equilíbrio necessário capaz de movimentar o processo dialético de forma equânime em vista do real, levando-se em consideração as circunstâncias em que os eventos envolvidos estarão imersos.

A evolução histórica determinaria o momento contextual próprio a fazer emergir da oposição de eventos o princípio da coerência em um todo organizado, pois não se pode saber antecipadamente as formas de organização do sistema. Inclusive as sutilezas do tempo

---

<sup>16</sup> LUFT, Eduardo. *Sobre a coerência do mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 69.

evidenciariam a evolução do processo de forma relativística proporcionando diferentes conexões sem perder a coerência que mantém o todo unido sistematicamente.

Por fim, tem-se que a dialética é um instrumento importante para a manutenção da coerência de um todo que oportuniza a dizibilidade do mundo organizado racionalmente.

Frente a tudo isso, pode-se imaginar que o princípio da coerência enquanto síntese dialética pode mostrar uma forma de entender a evolução do pensamento e da esfera sensível que cerca toda a humanidade. A experiência conduz ao aprimoramento do mundo em sua esfera conceitual, permitindo a evolução no transcorrer do devir histórico.

#### 4. Referências

CIRNE-LIMA, Carlos. *A coruja de minerva e o galo da madrugada*. Porto Alegre: Zero Hora [16/12/2000]. Disponível em: <http://atualaula.vilabol.uol.com.br/corujagalo.htm>. Acesso em: 18 maio 2011.

\_\_\_\_\_. A herança de Platão. In: CIRNE-LIMA, Carlos; HELFER, Inácio; ROHDEN, Luiz (Org.). *Dialética, caos e complexidade*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

\_\_\_\_\_. *Depois de Hegel: uma reconstrução crítica do sistema neoplatônico*. Caxias do Sul: Educs, 2006.

\_\_\_\_\_. *Dialética para principiantes*. 3ª. Ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 5.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p. 239.

LUFT, Eduardo. Considerações dialéticas sobre o sistema do dever-ser. In: Adriano Naves de Brito (Org.). *Cirne: sistema e objeções*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2009, p. 73-86.

\_\_\_\_\_. *Sobre a coerência do mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MATTÉI, Jean-François. *Platão*. Tradução de Maria Leonor Loureiro. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

MENESES, Paulo. *Abordagens hegelianas*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2006.